**O CORPO FEMININO NA IDADE MÉDIA: UM ESTUDO DA REPRESENTAÇÃO DE MARIA MADALENA**

Verusca Vanilza de Oliveira (Fundação Araucária Paraná)

Unespar/*Campus Paranavaí*, enzobiel17081@outlook.com

Meire Aparecida Lóde Nunes - orientadora

Unespar/*Campus Paranavaí*, meire.lode@unespar.edu.br

Modalidade: (Pesquisa)

Programa Institucional: PIC

Grande Área do Conhecimento: Ciências Humanas

**INTRODUÇÃO**

A desigualdade entre homens e mulheres está presente em quase todas as áreas da sociedade. No esporte não é uma exceção, as mulheres foram banidas das Olimpíadas desde seu início na Antiguidade. Levou-se quase três mil anos para que elas pudessem participar dos jogos olímpicos, o que ocorreu apenas em 1936 em Berlim que as mulheres foram incluídas oficialmente como atletas.

Atualmente, é visível a presença de mulheres em todos os esportes, mas ainda há grandes diferenças entre homens e mulheres. Uma das diferenças recorrentes é a sexualização da mulher. As atletas femininas, na grande maioria dos esportes, são submetidas ao uso de roupas desconfortáveis, de maneira que seus corpos fiquem expostos. Nos Jogos Olímpicos de 2021, realizado em Tóquio, ocorreu um momento marcante: “Atletas da equipe alemã de ginástica artística se apresentaram com um traje considerado masculino, substituindo o tradicional collant por um macacão”. (LUDOPODIO, 2021, n.p.). Acontecimentos como esse se tornaram recorrente, nos fazendo questionar alguns pontos não apenas do corpo, mas sim da história do corpo feminino, pois “Apesar das grandes conquistas do movimento feminista, a sociedade se encontra constantemente em um processo de transformação, com modo de existência antigos e modernos” (LOUREIRO, 2014. p.15). Será que a permanência desses resquícios na sociedade contemporânea não é devido à falta de conhecimento de estudos sobre a história do corpo? Esses questionamentos nos fazem retomar a literatura para estudar a construção mental sobre a sexualização do corpo feminino por meio da história do corpo.

As inquietações sobre o corpo no campo histórico são recentes. Le Goff (2006, p.9) explica que o corpo foi esquecido pelos historiadores “A história tradicional era, de fato, desencarnada. Interessava-se pelos homens e, secundariamente, pelas mulheres. Mas quase sempre sem corpo.” De acordo com o autor, a concepção naturalista do corpo não permitia inseri-lo histórico e cultural. Atualmente, entende-se que o corpo tem uma história: “Da ginástica e do esporte na Antigüidade greco-romana ao ascetismo monástico e ao espírito cavalheiresco da Idade Média, quanta mudança! Ora, onde há mudança no tempo, há história.” (LE GOFF, 2006, p.10). Aceitando o pensamento de que o corpo tem uma história, a qual foi negligenciada, cabe-nos o trabalho de nos debruçarmos nessa história para a construção de um conhecimento que supere a superficialidade presente em todos os segmentos sociais e em especial no campo da Educação Física. Percebe-se que mesmo tendo como objeto de estudo, o movimento corporal humano, os pesquisadores da Educação Física apresentam pouco interesse nos estudos acerca da história do corpo.

O recorte temporal delimitado na Idade Média segue a vertente apresentada por Le Goff, o qual afirma que ocorreu na Idade Média uma revolução dos conceitos e, consequentemente, das práticas corporais impulsionada pelo cristianismo. Entre as demais questões que podem justificar a importância do estudo do corpo na Idade Média ressalta-se o pensamento de que essa época se constitui “[...] como a matriz de nosso presente. Muitas de nossas mentalidades e muitos de nossos comportamentos foram concebidos na Idade Média.” (LE GOFF, 2006, p.29). O estudo do corpo na Idade Média nos coloca em um contexto de tensões entre territórios que se opõe como, por exemplo: o santo e o pecador; a razão e a fé; a salvação e a condenação; e, especialmente, o corpo e a alma.

Le Goff apresenta a ideia da fraqueza feminina por meio das palavras da monja Hildegarde de Bingen que, no século XII, afirmava que a mulher “[...] vê no homem aquilo que pode lhe dar força, assim como a lua recebe sua força do sol. Razão pela qual ela é submetida ao homem e deve sempre estar pronta para servi-lo." (LE GOFF, 2006, n.p.). Na sociedade medieval hierarquizada, o homem sempre esteve em posição superior e a mulher inferior.

Mesmo entre as personagens bíblicas femininas pode-se verificar posições superiores e inferiores como de Eva e Maria: “De um lado, existe Eva, a tentadora e, mais particularmente, a pecadora, que provém de uma leitura sexuada do pecado original” (LE GOFF, 2006, p.143), em oposição está a Virgem Maria, a redentora.  Entre essas duas personagens encontra-se Maria Madalena: “Mulher pecadora, prostituta salva pela palavra de Jesus. A ela sempre se vinculou a visão do erotismo feminino como algo possível de ser derrotado pela fé e pelos ideais de santidade e castidade. (RAMALHO, 2011, p.73).

A partir dessas questões a pesquisa possui como objetivo analisar a representação corporal de Maria Madalena na iconografia da Baixa Idade Média. Assim, ao estudarmos a representação corporal de Maria Madalena estamos na ambiguidade do feminino medieval do qual, supomos, carregar resquícios até os dias atuais.  Com a realização da pesquisa espera-se identificar as questões do corpo feminino que levam as mulheres a serem sexualizadas na sociedade que estão inseridas. Contribuindo com o reconhecimento da Educação Física como um campo que pode dialogar com outras áreas do conhecimento, como as Ciências Humanas. Auxiliando a formação do acadêmico do curso de Educação Física para que esse tenha um posicionamento consciente frente a seu objeto de estudo/trabalho, o corpo.

**MATERIAIS E MÉTODOS**

Neste momento, apresentar os materiais utilizados como fontes e embasamento teórico, além do método e metodologias utilizados durante o período de vigência da pesquisa científica. A pesquisa será desenvolvida seguindo os pressupostos teóricos proveniente da História Social na perspectiva da longa duração. Nós aproximamos da História Social por entendermos que os acontecimentos históricos devem ser pensados por meio do diálogo entre as áreas do conhecimento. “Este estudo, na área da História da Educação, é possível por entendermos a educação como um fenômeno social que ocorre dentro e fora das instituições formais de ensino, ou seja, por meio das relações humanas.” (LODE). Essa ideia fica-nos evidente quando Peter Burke (2012) ao tratar do surgimento da História Social cita o historiador norte-americano do século XIX Frederick Jackson Turner; “Todas as esferas de atividade humana devem ser consideradas [...] Nenhum setor da vida social pode ser entendido isoladamente dos outros” (BURKE, 2012, p. 33).

Seguindo essa perspectiva de ‘intercambio’ de informações para fazer pesquisas em história, Marc Bloch e Lucien Febvre, ao ambicionarem uma história mais ampla e humana por meio da aproximação de disciplinas, nos auxilia a pensar nosso objeto de estudo – *o corpo* – inserido e interligado com as experiências humanas como um todo. Nesse sentido, as História do Corpo proposta neste estudo versam para: “uma história que estaria interessada em todas as atividades humanas e trabalharia com as ideias da antropologia, da economia, da psicologia e da sociologia” (BURKE, 2002, p. 30).

Com relação a caraterização do estudo podemos indicar a pesquisa bibliográfica, a qual “explica um problema a partir de referenciais teóricos publicados em documentos. [...] buscam conhecer e analisar contribuições culturais ou científicas do passado existentes sobre um determinado assunto, tema ou problema” (RAUPP E BEUREN, 2003, p. 86).

A pesquisa também se caracteriza como iconográfica seguindo as indicações de Erwin Panofsky, o qual entende a iconografia como “[...] ramo da história que trata do tema ou mensagem das obras de arte em contraposição a sua forma” (PANOFSKY, 1991, p.47). De acordo com essa proposta há três fases que devem ser seguidas: a primeira é denominada de pré-iconografica, a segunda de iconográfica e a terceira de iconológica. Será realizado, nesse momento, as duas primeiras etapas devido à complexidade da última já que visa revelar valores simbólicos que podem ser desconhecidos pelos próprios autores/artistas. Deste modo, as obras selecionadas para análise pertencem ao artista Giotto di Bondone. As imagens apontam Maria Madalena em três momentos, na crucificação de Cristo; na retirada de Cristo da cruz; na ressureição de Cristo.

Os objetivos específicos serão estabelecidos por seções. A primeira seção consiste em compreender o contexto medieval em que a dualidade do corpo se insere. A segunda seção consiste em estudar o conceito do corpo feminino na Idade Média. A última seção, investigar as características corporais de Maria Madalena expressa na arte da Baixa Idade Média.

**Observações:**

As citações diretas que contenham mais do que três linhas, deverão ser apresentadas em conformidade com a ABNT (NBR 10520/2002) em parágrafo especial, separado do texto por uma linha em branco antes e depois da citação, com recuo de 4 cm e tamanho da fonte 10, espaçamento entre linhas simples. (SOBRENOME, ano, p.).

As citações diretas, de até três linhas, serão integradas no texto e colocadas entre aspas duplas e toda vez que houver a ocorrência de supressão de texto antes, durante ou após a citação, esta deve ser indicada da seguinte forma: “[...] nonono nonono nonono nonono [...] nonono nonono nonono nonono nonono nonono nonono [...]" (SOBRENOME, ano, p.). **Atenção**, nunca termine uma seção, ou subseção com citação.

**O CORPO NA BAIXA IDADE MEDIA.**

Ao longo da história, o corpo já passou por muitas modificações, porém, sempre foi o mesmo no ponto de vista biológico e anatômico. Mas, o que dizer de sua subjetividade, de como as pessoas o vem, ou de como nós mesmos nos vemos? Com certeza a compreensão de corpo já passou por muitas metamorfoses e diria que ainda existe muito tempo para se modificar. O corpo é um arquivo vivo repleto de conhecimentos e descobertas, ele pode ser estudado de diversas formas, por meio da medicina, da arte, da filosofia, da moda e dos costumes presente em uma sociedade em determinado período. Soares (2001, p. 4) menciona que “O corpo de cada um pode parecer extremamente familiar e concreto em certos momentos, mas, em outros, bastante desconhecido e abstrato” [...]. As ciências humanas nos possibilitam debruçarmos na literatura para aprofundar o conhecimento sobre o principal objeto de estudo, o corpo humano, principalmente para a área da educação física. Para ampliar o entendimento sobre o corpo consideramos entender como a concepção corporal era tratada em outras temporalidades, entender ainda os costumes em que estava inserido.

Ao estudarmos a história do corpo podemos observar que a concepção corporal presente na pré-história se modificou ao longo da sua história. O corpo do homem primitivo era visto como sua principal arma de defesa e de ataque, com o corpo o homem caçava, com o corpo o homem se defendia de ataques. Costa (2011) destaca que “O corpo do homem primitivo estava em sintonia e intimidade com o ambiente, com a satisfação das necessidades e a solução dos problemas imediatos do cotidiano,” o autor ainda ressalta, que [...]no tempo em que não existiam tantos instrumentos, o corpo, em si, era o instrumento de mediação do homem com o mundo[...]. Em outras palavras, o corpo dos primitivos era composto por seus gestos grotescos, que, mais adiante foram se modificando com o caminhar de sua história.

Dá pré-história para a antiguidade, o corpo deixa de ser apenas um meio de sobrevivência passando a ser desejado e glorificado, o corpo era visto como o objeto da perfeição: “O grego desconhecia o pudor físico, o corpo era uma prova da criatividade dos deuses, era para ser exibido, adestrado, treinado, perfumado e referenciado, pronto a arrancar olhares de admiração e inveja dos demais mortais” (BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011.p.24). O corpo passou a ser valorizado não apenas pela sua saúde, mas também pela sua capacidade atlética e pela sua fertilidade. Levando esses aspectos para o contexto corporal feminino, o mesmo não se era observado, apesar de qualquer pessoa ter o direito de transformar seu corpo, as mulheres não podiam exibir seus corpos como quisessem, exemplo disso eram as vestimentas que ao sair na rua deveria estar vestida para cobrir-se por inteiro. A mulher restava apenas uma opção [...]cumprir funções como obediência e fidelidade aos seus pais e maridos e a reprodução. Os prazeres eram do domínio masculino, não do feminino (BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011.p.25).

A Idade Média é um período contundente para a história, no entanto, para uma melhor compreensão é de suma importância a identificação do período estabelecido para análise desse estudo. “A Idade Medieval, olhando a partir dos dias atuais, é sempre dividida em dois períodos: Alta Idade Média (do século V ao século X) e Baixa Idade Média (do século X ao século XV).” (XAVIER; CHAGAS; REIS, 2017. p. 311). Com base nos relatos publicados em documentos históricos, a Idade Média possui questões a serem destacadas, o corpo e seus paradoxos. “Na Idade Média o corpo é o próprio paradoxo, de um lado o corpo é criticado fielmente pelo cristianismo. Por outro lado, o corpo é glorificado fielmente por meio do corpo sofredor de Cristo” (FARHAT, 2008.p.18). Nesse período qualquer manifestação corporal ou preocupação com o corpo deveria ser proibida, acreditava-se que o corpo seria a própria arma para o pecado. Durante a Idade Média a concepção de corpo e a alma se separam, aonde a alma se prevalece superior frente ao corpo, ela se encontrava acima de qualquer prazer carnal, inibindo as manifestações corporais. Nesse sentido o corpo possuía o papel de pecador.

 O período medieval foi uma época em que a sociedade se encontrava guiada pela Igreja, deste modo as palavras dos sacerdotes possuíam um uma grande importância para a sociedade. Por meio dos ideias transmitidos pela Igreja ela conseguiu estabelecer uma moralidade que pudesse definir os papéis de gênero na sociedade. Segundo Georges Duby a Idade Média é um período masculino, uma “idade dos homens” (*apud* SILVA, 2013.p.3). O que se identificou nesse momento histórico, é que os homens pertenciam a um sexo superior, onde apenas as vozes masculinas eram ouvidas.

Por meio da utilização de ideais que a igreja transmitia a sociedade, fez com que as pessoas pregassem o que a religião acreditava ser o certo e o errado, principalmente nas questões envolvendo o corpo da mulher e o corpo do homem. Os sacerdotes apontavam a mulher como a parte ruim da humanidade, pois segundo seus pensamentos a mulher era vista como a primeira pecadora, indo mais além, a mulher era tida como um instrumento que levaria o homem a cometer grandes pecados, pois foi a mulher intitulada Eva, no qual surgiu-se a partir da costela de Adão que levou ao homem a cometer o pecado originário, o pecado do fruto proibido. A partir do contexto histórico cristão, a mulher foi criada da costela do homem, tendo como função de ser auxiliar e submissa aos caprichos do sexo oposto, e não ser “a pior armadilha preparada pelo Inimigo” (DALARUN, 1993: 38). Diante aos pensamentos que acerca Eva, a igreja foi mais além, ela passou a ter um papel importante no campo moral da vida familiar, incluindo a forma de como as pessoas poderiam pensar, passando assim de seus aspectos religiosos. As pessoas que seguiam esses ideais acreditavam que deveriam abrir mão de muitas coisas se quisessem ser salvas.

Pode-se observar que desde as primeiras compreensões corporais os homens sempre estiveram a frente da mulher em vários pontos, como por exemplo ir na busca de conquistar o alimento pra família até mesmo submeter seus corpos em batalhas, o que fazia com que a mulher possuísse um papel nesses contextos históricos. A mulher cabia o papel de servir ao seu marido, lavando suas vestes, cozinhando, servindo sexualmente e obedecendo-o.

**CORPO FEMININO DURANTE BAIXA IDADE MÉDIA**

Entre tantos aspectos do patriarcado ainda presentes em nossa cultura destaca-se a objetificação sexual, em que mulheres são tratadas como corpos que existem para o prazer sexual masculino (LOUREIRO, 2014). No livro “EVA E OS PADRES: damas do século XII” do autor GEORGES DUBY nos possibilita um olhar, mas amplo para com o corpo feminino. Nesse período as mulheres sofriam um olhar duplo, no qual em sua maioria se definia teoricamente pela sua posição na cadeia social.

O prelado, de fato, não considera todas as mulheres. Suas funções fazem com que se atenha a valer especialmente pelo topo da sociedade, pelos dirigentes, pelas casas nobres, e é lá que ela fala, aos nobres, não ao povo. Por conseguinte, manten sob seu olhar as mulheres que habitam as grandes moradas, e quando lhes descreve os pecados femininos, é as damas, apenas, que fugista. (DUBY. 2001. p. 12, 13).

As damas e as donzelas~~,~~ já mais sofreriam com olhares e julgamentos como uma prostituta. No entanto, observamos que essas mesmas mulheres teoricamente bem-vistas, são as mesmas que julgavam outras mulheres as intitulando de “sementes de guerra”, as pessoas acreditavam que essas mulheres propagariam o pecado pelo mundo, pois elas utilizavam de ferramentas como maquiagens e vestimentas e acessórios luxuosos para expor uma figura de mulher que fossem facilmente desejadas. NUNES (1978, p. 193) “As rameiras timbravam em se apresentar com grande luxo e esplendor de vestimentas e com excessivos enfeites.”. Acreditava-se que o ato das mulheres medievais ao enfeitar seus corpos com enfeites luxuosos ou com belíssimas vestimentas estariam dando um sinal de uma busca por futuros pretendentes. No entanto os sacerdotes viam esses acontecimentos como uma oportunidade de levar o homem a cair na tentação e por fim ir contra os ensinamentos sugeridos pelas igrejas, “Por elas, o pecado corre o risco de propagarse. Além do mais, as desordens que seus desvios provocam têm consequências mais graves. Das damas “brotam os ódios”; elas são “sementes de guerra.” (DUBY, 2001. p.13)

A mulher é pecadora, mas até que ponto isso deve ser levado em consideração? Ela começa a ser pecadora no momento em que questionam seus maridos, duvidando de questões que seriam teoricamente corretas. Georges Duby menciona que a mulher peca “Quando desafia o poder masculino irrationabilite, fora do razoável, do campo das relações sociais ordenadas, claras, quando age longe do olhar do esposo” (DUBY, 2001. p.30).

A mulher para não ser intitulada como prostituta deveria assumir seu papel corretamente, independentemente se for o papel de mãe, de filha, de irmã ou esposa desde que essa mulher se comportasse de maneira adequada e concordando com tudo que os homens da família decidissem, pois o simples gesto de contradição ao seu marido era tido como um ato de desobediência não somente ao seu marido, mas também ao seu criador, “Pecadora, a mulher ou apenas quando sai do seu papel, conseguindo ela própria seu prazer...” (DUBY 2001. pg,30). Perante isso, a história nos mostra o quão importante foi e seria o papel da mulher. Ainda durante o século XII o seu papel de submissão era evidente. Quando um casal fossem afirmar sua relação perante a Deus ambos haviam de fazer um juramento, onde constava que o homem seria fiel a mulher e jamais se deitaria com qualquer outra mulher enquanto sua esposa permanece viva. Por outro lado, a mulher deveria jurar ser uma boa esposa, por meio da gentileza sendo obediente ao seu esposo, jurava ainda ser submissa ao seu amo, concordando e o satisfazendo como ele bem quisesse, “De agora em diante, eu conservarei e o enlaçarei e lhe serei submissa, obediente e serviçal” (DUBY 2001. Pg,31).

**A REPRESENTAÇÃO DO CORPO FEMININO: EVA, MARIA E MARIA MADALENA.**

 Os doutores da Igreja construíram uma moral que define os papéis sociais de género, visível nos arquétipos de Eva, a culpada pelo pecado da humanidade; Virgem Maria, a Mãe de Deus, assexuada e um exemplo de mulher a ser seguido; e Maria Madalena, a pecadora arrependida.

Eva se torna ainda mais presente na Idade Média, pois, a partir dos ideais religiosos, ela é tida como o exemplo de mulher a não ser seguida. Eva foi criada da costela de Adão, e por isso, a mulher estaria muito mais próxima de tudo o que é corporal e carnal, sendo mais suscetível ao pecado (BLOCH, 1995: 33-39). Mediante a tais pensamentos as mulheres passaram a ser vistas como Eva, ou seja, toda mulher poderia facilmente pecar e por consequência ser o instrumento que levaria o homem a cometer o ato de pecar. Eva a mulher enganada pela serpente, Adão o homem enganado por uma mulher, acontecimento que levou a sociedade medieval acreditar a quão poderosa poderia ser o gênero feminino, levando ao homem a erros e, também, ao pecado. Essa inferioridade da mulher pode ser retratada na seguinte narrativa, “Deus proibiu Adão e Eva de comerem da Árvore do conhecimento do Bem e do Mal, porém a serpente convenceu Eva a prová-la” (Gn. 3, 1-7). Os religiosos transmitiam a mensagem de que a mulher foi o lado fraco e levou Adão a cometer o pecado. Eva pecou por suas curiosidades infantis. Infantilidade essa também atribuída ao gênero feminino, “A curiosidade está, frequentemente, relacionada com a necessidade de ver, saciar o sentido visual” (FERREIRA. 2012. p .60). Além de sua curiosidade acredita-se que Eva permitiu por meio de seus olhos e de sua boca que o pecado fosse cometido sem ao menos pensar no que ocorreria com Adão com seu ato de desobediência. Ferreira (2012, p.61) destaca que, “[...] a fraqueza inicia-se pelo próprio corpo feminino, anatomicamente mais frágil que o do homem e assim mais aberto aos perigos do desejo, uma das maiores armadilhas para a humanidade.”

Eva e o exemplo de mulher a não ser seguida, no outro extremo temos a Virgem Maria. “Maria foi a redentora de Eva, que veio ao mundo com a missão de libertar Eva da maldição da Queda (BLOCH, 1995: 91). O modelo de mulher, a representação positiva do gênero feminino. “Maria é a santa caracterizada pelo seu silêncio. Mãe virgem do filho enviado por Deus, “por obra e graça do Espírito Santo”, institui-se “pelo Senhor como Seu corpo; nela, os fiéis, aderindo à cabeça que é Cristo, [...] (CONCÍLIO VAT I C A N O II, 2000, Cap. VIII). A Virgem Maria, a mãe de Jesus, o exemplo de aceitação, ela possuía aspectos que todas as mulheres deveriam possuir, como por exemplo a castidade, a obediência, a boa mãe e principalmente o respeito perante o seu superior, “[...] Maria demonstra ser uma figura essencial para a divulgação de virtudes que recebem cada vez uma maior atenção da Igreja, como a castidade e a obediência (FERREIRA. 2012, p.68)”. Com tudo podemos compreender que o papel feminino expresso pela figura da Virgem Maria exalta a mulher, mas, por outro lado também pune, pois permite que a mulher continue sendo a obediente, a mulher que tem fé, mas sofre ao mesmo tempo. “Eva simbolizava as mulheres reais, e Maria um ideal de santidade que deveria ser seguido por todas as mulheres para alcançar a graça divina, caminho para a salvação (DALARUN, s/d: 53). Em outras palavras a mulher deveria permanecer como um ser de fácil manipulação.

Nas duas faces temos Maria Madalena a seguidora de Jesus, o Cristo da religião cristã, “[...] ela é apresentada como uma mulher sábia, companheira próxima de Cristo e boa oradora”; preparados “[...] por grupos considerados heréticos, foram transmitidos por gerações e influenciaram, direta ou indiretamente, a visão medieval sobre esta personagem” (SILVA et al., 2002, p. 14). Madalena possui muito o que falar, ela foi um dos seguidores que se encontravam presente na crucificação e no enterro de Cristo. Madalena foi também a pessoa que proclamou a ressureição de Jesus Cristo. No entanto quem é Maria Madalena? Madalena foi uma mulher que levou uma vida impiedosa, negligenciando a moralidade, [...] Maria ‘Madalena, uma história obscura que, por causa de Jesus, pôde tomar-se uma história de luzes, a história de Maria Madalena, a penitente (BÓER, 1999.n.p.) Durante a Idade Média, Maria Madalena recebia alta considerações por parte da humanidade que em determinados momentos chegava a rivalizar com a Maria mãe de Jesus. Ela se encontra viva e presente durante a Baixa Idade Média, seu corpo imaginado se projetam os temores e os desejos dos homens.

A história de Maria Madalena é um exemplo de conversão principalmente para os fiéis, pois, assim como a história relata, uma prostituta foi capaz de se tornar um exemplo de mulher, para os cristãos mostra o poder de um homem principalmente sobre a mulher, homem esse denominado como Jesus Cristo, no qual a tirou da vida mundana para uma vida glorificada. E com essa imagem de mulher pecadora que se arrepende e segue o mestre até o calvário, Maria Madalena veio demonstrar que todos os pecadores são capazes de chegar a Deus (DUBY, 1995: 37). Este é o significado da Santa Maria Madalena. “Ela personifica o chamado à conversão. A história de sua vida mostra aos crentes que há graças na união com Deus, mesmo para os que estavam afastados dele” (BÓER, 1999.n.p.). De ante os fatos apresentados referente as três figuras femininas, a análise imagética pode-se ser realizada pelo recorte da reprodução das imagens do artista Giotto de Bondone (1266 – 1337). As imagens selecionadas apresentam Maria Madalena presente em três momentos da vida de Cristo, em primeiro momento na crucificação de Cristo, no segundo momento na retirada de Cristo da cruz e por último no momento da ressureição de Cristo. A análise iconográfica se torna um fator importante para a elaboração de uma construção mental, visando identificar aspectos imagéticos que proporcione ao leitor entender como o corpo de Maria Madalena é importante na construção histórica sobre a concepção de corpo feminino presente na Baixa Idade Média.

**Imagem A:**



Em um primeiro momento, podemos observar a presença da Virgem Maria e de Maria Madalena nos momentos da crucificação de Cristo, da retirada de Cristo da cruz e da ressurreição. Observa-se que nas três representações Maria Madalena está em uma posição submissa, Na Crucificação e na Ressurreição ela está ajoelhada aos pés do Mestre. Conforme Chevalier o joelho é a parte do corpo que representa força, portanto ajoelhar-se diante de alguém é um ato de adoração. [..] ajoelhar-se diante de alguém = fazer ato de vassalagem, adorar (CHAVALIER; GHEERBRANT, 1982. p.518).

No afresco que representa o momento em que Cristo foi retirado da Cruz sem vida, Maria Madalena lamenta a morte do Mestre acariciando seus pelos que estão sustentados em seu colo. Conforme a tradição medieval as partes do corpo possuem significados distintos, de acordo com Lê Goff (2006. p. 75) “[...] sobre a oposição entre o alto e o baixo, o interior e o exterior, do que sobre a divisão entre a esquerda e a direita, a despeito do fato de que Cristo, no fim dos tempos, fará com que os justos se sentem à sua direita.

**Imagem A: Recorte parte inferior da crucificação de Cristo**



Nesta imagem podemos identificar os personagens santificados por Giotto, entre eles a Virgem Maria, sua pureza pode ser vizualizada por meio das suas vestimentas na qual os autores CHEVALIER e GHEERBRANT (1982) destacam que o azul é a “cor mais pura, em seu valor absoluto”, o mesmo azul se encontra presente ao fundo, azul esse responsável por representar o céu, essa junção acaba integrando Maria ao divino. Ao oposto dos aspectos apontados na vestimenta da Virgem Maria, temos o tom avermelhado da roupa de Madalena. O vermelho em tom claro é destacado com uma cor sedutora composta por uma força imensa, ela é irredutível, assim como a força apresentada pela história de Madalena, [...] “seduz, encoraja, provoca” [...] (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1982. p.944). Temos também a simbologia da auréola, na qual podemos identificá-la na Virgem Maria e em Maria Madalena, ela “[..] representa o Sagrado, a santidade, o divino [..]” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1982 p.100). A auréola presente em Maria Madalena nos reafirma a representação de sua imagem como uma santa, um exemplo de mulher a ser seguida.

Por outro lado, temos o vermelho presente na vestimenta de Maria Madalena, o vermelho é “Universalmente considerado como o símbolo fundamental do princípio de vida, com sua força, seu poder e seu brilho [...] (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1982. p. 944). Giotto buscou refletir em suas pinturas uma imagem de Maria Madalena que realmente refletisse a sua história, ao posicionar Madalena ajoelhada ou aos pés de cristo o artista passou a ideia de uma mulher arrependida em busca do perdão. Giotto transmite também a ideia do amor que Maria Madalena possuía por Cristo, pois ela sempre permaneceu ao seu lado.

**Imagem C: Ressureição de Cristo**



Giotto representa nessa imagem o momento da ressureição de Cristo, no lado inferior direito podemos identificar Cristo pelas marcas dos furos em seu pé, furos adquiridos no momento de sua crucificação. Maria Madalena se encontra presente nas duas senas, mas esta talvez seja a sena, mas comentada na construção histórica da inferioridade da mulher, apesar de sua importância a sociedade católica não aceitava o fato de uma mulher ter anunciado a ressureição de Cristo. Mesmo com a negação cristã a passagem bíblica comprova a sua presença na volta de Cristo assim como a imagem apresentada por Giotto.

Nisso ela se voltou e viu Jesus ali, em pé, mas não o reconheceu. Disse ele: "Mulher, por que está chorando? Quem você está procurando? "Pensando que fosse o jardineiro, ela disse: "Se o senhor o levou embora, diga-me onde o colocou, e eu o levarei". Jesus lhe disse: "Maria! "Então, voltando-se para ele, Maria exclamou em aramaico: "Rabôni!" (que significa "Mestre!"). Jesus disse: "Não me segure, pois ainda não voltei para o Pai. Vá, porém, a meus irmãos e diga-lhes: Estou voltando para meu Pai e Pai de vocês, para meu Deus e Deus de vocês". Maria Madalena foi e anunciou aos discípulos: "Eu vi o Senhor!" E contou o que ele lhe dissera (Jo 20, 14-18).

**Imagem 2: O Manto de Maria Madalena**

  

Maria Madalena ao abandonar sua vida mundana e se aproximar-se de Cristo passa a ter um papel importante para a construção social feminina, ela se torna exemplo para outras mulheres e com isso torna-se possível a relação homem e mulher. “Maria Madalena passou a ser vista pelos gnósticos como um símbolo do “conhecimento verdadeiro” que tinham de Jesus, e como a verdadeira predileta de Cristo, da qual eles seriam seguidores.” (SANTOS, 2016. p.24) O manto utilizado por Maria Madalena representa a função do seu papel no contexto feminino. “Vestir o manto é sinal da escolha da **sabedoria** (o manto do filósofo). É também assumir uma dignidade, uma função, um papel de que a capa ou manto é emblema.” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1982 p.589). No contexto apresentado, o manto de Maria Madalena possui um detalhe a ser a analisado a suas cores. Na imagem “**A”**,podemos observá-la ajoelhada sobre o manto que de início se mostra na cor verde, na imagem “B”, podemos visualiza-lo cobrindo suas pernas, dessa vez em um tom avermelhado, na imagem “C” podemos afirmar que o manto que a cobre é o mesmo presente nas imagens anteriores, a unificação do vermelho com o verde é apresentada como sendo a “[...] complementação dos sexos: o homem fecunda a mulher, a mulher alimenta o homem; o vermelho é uma cor masculina e o verde uma cor feminina.” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1982 p.939). A utilização do manto pode ser caracterizada como o equilíbrio, mas também como a igualdade entre o homem e a mulher.

**CONCLUSÃO**

Conclui-se, portanto, que o artista Giotto de Bondone buscou demonstrar em suas obras a superioridade do homem por meio de Jesus Cristo, sempre representado nas pinturas acima de todos incluindo as mulheres. Podemos observar também que o autor demonstrou em suas imagens o verdadeiro reflexo das personagens femininas na qual a Virgem Maria apesar de ser uma mulher ela sempre está posicionada acima da Maria Madalena. Isso mostra não apenas a inferioridade da mulher perante o homem como também entre as próprias mulheres.

A inferioridade entre a Virgem Maria e Maria Madalena apresentada pelo artista Giotto em suas obras de arte nos remete a situações presentes na contemporaneidade. O modo de identificação do certo ou errado relacionado a mulher pode ser resquícios das questões corporais de Maria e Madalena, mesmo em tempos modernos as mulheres possuem valores que devem ser seguidos, exemplo disso a castidade da Virgem Maria.

Vale ressaltar que falta de trabalhos envolvendo a temática é um dos motivos pelo qual a sociedade ainda sofre os resquícios apresentados na Baixa Idade Média, pois o homem não possuí dados suficiente que possa levá-lo a compreensão corporal de si próprio.

**Referencias:**

BARBOSA; Maria Raquel. MATOS; Paula Mena. COSTA; Maria Emília. **Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje.** SciELO, 2011.

BÍBLIA. Português. Bíblia Sagrada. Tradução Ivo Storniolo et al. São Paulo: Edição Pastoral Paulus, 1990.

BÓER, Esther de. **Maria Madalena: discípulo apostola e mulher**. Madras, 1999.

BURKE, Peter. **História e teoria social**.  São Paulo: Editora UNESP, 2002.

BLOCH, H. **Misoginia medieval e a invenção do amor romântico ocidental.** Editora 34, 1995.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Dogmática Lumen Gentium. Disponível em: [http://www.vatican.va/archive/hist\_councils/ii\_vatican\_council/documents/vat~~-~~ii\_const\_1964~~1~~121\_lumen-gentium\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html) . Acesso em: 08 jan. 2019.

DARIDO, S. **Educação Física no Ensino Médio**: Reflexões E Ações. Motriz, 1999.

DALARUN, Jacques. Olhares de clérigos. In: DUBY, G; PERROT, M (dir). KLAPISCH -

De CAMARGO, Wagner Xavier**. Protestos olímpicos: mulheres atletas contra roupas que sexualizam corpos. 01/09/2021.** Disponível em:<https://ludopedio.org.br/arquibancada/protestos-olimpicos-mulheres-atletas-contra-roupas-que-sexualizam-corpos/>. Acesso em: 17/08/2022.

## DUBY, Georges. **Heloísa, Isolda e outras damas do século XII.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

## DALARUN, Jacques. Olhares de clérigos. In: DUBY, Georges e PERROT, Michelle (dir.). **História das Mulheres no Ocidente.** Volume 2 – A Idade Média. Porto: Edições Afrontamento/São Paulo: Ebradil, s/d, p. 29-63.

FERREIRA, L. S. **Entre Eva e Maria: a construção do feminino e as representações da luxuria no Livro das Confissões de Martin Perez**. Porto Alegre, 2012.

## LUBER, Christiane. **História das mulheres no ocidente: a média.** Porto: Afrontamento, 1993, 2v.

LE GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas. **Uma história do corpo na Idade Média**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2006.

MOROSINI, Marília Costa; FERNANDES, Cleoni Maria Barboza. **Estado do Conhecimento: conceitos, finalidades e interlocuções**. Educação Por Escrito, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 154-164, jul.-dez. 2014.

NUNES, R. A. C. História da educação na Antiguidade Cristã. São Paulo, 1978.

OLIVEIRA, T; NUNES, M. A. L. **EDUCAÇÃO E ICONOGRAFIA MEDIEVAL:**

**ROSTO DE CRISTO DE COPPO DI MARCOVALDO E GIOTTO DI BONDONE**. Revista Contrapontos - Eletrônica, Vol. 12 - n. 3 - p. 317-326 / set-dez 2012.

PANOFSKY, Erwin. **Significado nas Artes Visuais**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

RAMALHO, Cristina. A circularidade cultural da imagem de Maria Madalena. in: FERRAZ, Salma.  **Maria Madalena: das páginas da bíblia para a ficção, textos críticos**. Maringá: Eduem, 2011.

RAUPP, Fabiano Maury; BEUREN, Ilse Maria. **Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade. Teoria e prática**. 3ª edição. São Paulo: Atlas, 2003.

## SANTOS; G.M. de Castro. **A Roupa, a Moda e a Mulher na Europa Ocidental Medieval. Brasília, 2006.**

## SANTOS, Wilgner Murillo da Conceição. **MULHER E APÓSTOLA, MESTRA E PROSTITUTA: As Representações Literárias de Maria Madalena.** Bhaia: FLIPA, 2016.

SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da et al. **Vida de Santa Maria Madalena:texto anônimo do século XIV.** Rio de Janeiro: SENAI, 2002. Coleção Idade Média em Textos 1.

SOUSA; de M. O. SILVA; F. M. OLIVEIRA; V. M. S. **O Corpo na Idade Média: entre representações e sexualidade.** Aracaju, 2014.